

IMIGRAÇÃO (TRANS)FRONTEIRIÇA E FORMAS INTRÍNSECAS DA VIOLÊNCIA NO ROMANCE *YA NO ES POSIBLE EL SUR* DO ESCRITOR LUIS MORABALLESTEROS

José Antonio Romero Corzo¹

Anotações preliminares

"Ya no es posible el sur" (YNEPS, 2023, a partir de agora) do escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros, é o terceiro romance de sua impactante saga ambientada tanto na transfronteira colombo-venezuelana, quanto na de México com Estados Unidos. Com esse texto emocionante, o autor encerra a trilogia das aventuras e desventuras devastadoras do repórter Juan Ángel Villamediana, que tiveram início no *Díptico de la frontera* (2020) e continuaram em *La sombra del Comandante* (2022). Em todos eles, o jornalista atua tanto como detetive quanto como narrador de histórias envolventes, repletas de uma linguagem poética sutil marcada pelo estilo narrativo do *hard-boiled*, gênero de ficção policial americana que decorre numa *estética gore*; isto é, numa estética cujo objetivo é horrorizar e chocar o espectador, despertando sensações de desespero, ansiedade e medo. É por isso que, em meu entender, este romance pode ser catalogado dentro da categoria genológica de *romance gore*². Neste novo romance de Mora Ballesteros, o enredo apresenta reviravoltas surpreendentes que elevam Juan Ángel Villamediana à condição de herói trágico. Ao empreender em uma viagem em busca de informações sobre soldados desaparecidos ao norte do estado de Táchira, Venezuela, para o jornal *La Región*, o jornalista-poeta da saga se vê fatalmente envolvido em eventos terríveis — junto a diversos grupos de imigrantes que atravessam a transfronteira colombo-venezuelana, assim como as transfronteiras de outros países, em busca do tão desejado *Sonho Americano* —, narrados em suas crônicas e em seu Diário inconcluso de viagens pela América Central e do Norte.

Ao ler pela primeira vez o romance YNEPS (2023), fui assaltado pela ideia de tentar decifrar as chaves da *violência intrínseca* nele. Para conseguir esse objetivo, o primeiro pensamento que me ocorreu foi considerar qual seria o método mais adequado. Então, imaginei que uma abordagem hermenêutica poderia ser a mais pertinente, devido à diversidade de registros discursivos com suas possibilidades de sentido presentes no texto, que poderiam ser considerados a partir de uma

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Nucleo Cimba, Araguaína-TO, Brasil. Bolsista Demanda Social da CAPES. Código: 001

² Cfr: ROMERO CORZO, J. A. "La frontera como fractal en la novela *La sombra del comandante*, del escritor venezolano Luis Mora Ballesteros". Porto Alegre, UFRGS, 2023. (Texto en proceso de edición)

interpretação tanto dos elementos que são óbvios em um relato sobre a *violência política e econômica*, quanto, principalmente, daqueles que são mais esquivos aos cercos racionais de uma abordagem crítica e valorativa, como a que tentei adotar. Foi, sobre tudo, com esses últimos elementos em mente, que pensei basear uma parte do presente trabalho na abordagem realizada por Slavoj Žižek (2014), em suas seis reflexões marginais sob a temática da violência; elaboradas por ele a partir da filosofia, desde a sua perspectiva psicanalítica lacaniana e crítica pós-marxista (pósrevolucionária) ao capitalismo global. Assim, ao observar o romance de Mora Ballesteros, notei que nele o autor retrata algumas das consequências resultantes da *ordem mundial hegemônica*, ou seja, a abstrata *ordem sistêmica de violência do capitalismo*, também nomeada por Žižek (2014) *violência objetiva*. O impacto desse tipo de violência na vida cotidiana é apresentado no romance YNEPS (2023), por exemplo, pela imensa quantidade de pessoas deslocadas que cruzam fronteiras internacionais em busca do *Sonho Americano*. Convém apontar aqui que o conceito de *violência objetiva*, de acordo com a proposta de Žižek (2014), consiste na sua naturalização ou normalização com o apoio das *violências simbólica e sistêmica*. A *violência simbólica* está presente na linguagem, enquanto a *violência sistêmica* ocorre nos sistemas econômico e político, por meio de mecanismos de dominação e exploração, bem como nas relações sociais impostas pelo *sistema capitalista*. A *violência simbólica* permite a imposição do discurso e ideologia da classe dominante, invisibilizando e silenciando as vozes do outro, ou seja, os marginalizados, ao mesmo tempo em que naturaliza a *violência sistêmica*. A *violência simbólica* torna visível a *violência subjetiva* e a desconecta da *violência sistêmica*, de modo que as *violências física e simbólica* estão interligadas. Um exemplo disso é a forma como o sistema capitalista, por meio do discurso, incentiva o *consumo* com o argumento de melhorar a qualidade de vida dos mais necessitados, sem considerar os fatores que impedem esse consumo e acabam gerando frustração, afetando de forma violenta amplas camadas da sociedade que não têm os meios para consumir. Outro exemplo é a justificação da dor ou violência contra determinadas pessoas em nome do bem comum, ou seja, quando se argumenta que a intenção é evitar um maior sofrimento para o restante da população. A eficácia com que a *violência objetiva* do capitalismo opera na sociedade de nossa época é compreendida por Žižek (2014) sob uma perspectiva hegeliana, que destaca o domínio do excesso "objetivo", direto, da *universalidade abstrata da lógica capitalista*, impondo sua lei de forma "mecânica" e com completo desprezo pelo sujeito, que é sempre suplementado por um excesso "subjetivo", ou seja, "pelo exercício arbitrário e irregular dos caprichos" (p.24). Tal como Žižek (2014) aponta, um exemplo notável dessa interdependência é apresentado por Étienne Balibar, que distingue dois

modos opostos, porém complementares, de violência extrema: a *violência sistêmica* ou "ultraobjetiva", característica das condições sociais do capitalismo global, "que implica a criação "automática" de indivíduos excluídos e descartáveis (desde os sem-teto até os desempregados); e a violência "ultrassubjetiva" dos novos "fundamentalismos" emergentes, de natureza étnica e/ou religiosa e, em última análise, racista" (Žižek, 2014, p.24). Ambos os tipos de violência são elaboradas no romance YNEPS (2023) com o caso da violência exercida pelo crime organizado que opera nas fronteiras internacionais colombo-venezuelanas, estendendo sua rede em outras fronteiras de Sul América bem como de Centro-América. Nesse sentido, vale sublinhar que o título do romance Já não é possível o sul estabelece já de entrada a fatal configuração imaginária, geopolítica e geoeconômica real e simbólica que determina a *ordem hegemônica* indicada e sua *lógica violenta*. Já que, parafraseando Žižek (2014) nele foi condensada a configuração da realidade social de produção material e interação social determinada pela "dança metafísica autopropulsiva do capital" que dirige o teatro social, e fornece a chave dos desenvolvimentos e das catástrofes que têm lugar na vida real dos povos nas fronteiras de América Latina. Assim, acreditamos que é possível decifrar o tema da *violência e seus tipos intrínsecos* no romance de Luis Mora Ballesteros. Pois como veremos, o escritor aborda em YNEPS (2023) a violência de forma amplamente abrangente, explorando diferentes manifestações e consequências desse fenômeno. No trecho a seguir do romance, correspondente ao «Diário de viagens pela América Central e do Norte» do jornalista Juan Ángel Villamediana (seu personagem protagonista), fica confirmado o que foi dito anteriormente:

Escrevo isso com a esperança de que um dia você o leia e o que vi e não morra comigo; não o veja como um fardo sobre seus ombros. Quero compartilhar com você que os sapatos nos meus pés - aqueles mesmos que você gostaria de experimentar, embora fiquem grandes em você - pesam tanto quanto os mapas físico-geográficos em escala real que você terá que juntar se tentar traçar a rota migratória que comecei há três meses, dos Andes venezuelanos até a fronteira do México com os Estados Unidos. Centenas de léguas submarinas me separam do sorriso do aluno de quarto ano de ensino fundamental que ergueu o troféu de campeão do Mundialito Escolar em 1990. Dois oceanos e dois mares inteiros me separam da minha mãe. Meio continente foi necessário para alimentar a ambição pela morte. Uma dezena de países aparecem como carimbos nas páginas prestes a expirar de um passaporte que hoje, com frequência marcante, gera uma infinidade de suspeitas e provoca perguntas repetitivas e inúteis nos portos estrangeiros de embarque. Sou um homem que agora dorme no deserto em uma fronteira mais ao norte; um homem para quem "o sul não é mais possível"[...]" (YNEPS, 2023, p.125, tradução minha)

A partir de esse texto se pode constatar que, tanto *o espaço geográfico no plano simbólico, quanto no imaginário e no real*, configurados na *ordem hegemônica* atual; ou seja, a *ordem da lógica abstrata do capitalismo*, apresentam, no romance, coordenadas que podem ser definíveis desde a distribuição espacial delimitante que marca com clareza no mundo global o eixo geopolítico e geoeconômico Norte-Sul. Dito eixo está marcado pela violência em suas diferentes formas que a

constituem. Então, a seguir, vamos dar primeiro uma olhada em as mais visíveis formas de violência para enxergar depois as menos visíveis, apanhadas no romance YNEPS (2023).

Uma olhada rápida às formas visíveis da *violência subjetiva*

Neste ponto podemos enxergar como na Entrada 10 do “Diário de viagens pela América Central e do Norte”, o repórter Juan Ángel Villamediana registrou uma entrevista assustadora a um imigrante que não apenas fez trabalho escravo para as máfias que controlam a fronteira entre México e Estados Unidos, mas, como se isso fora pouco, foi cominado também a praticar o canibalismo. A *violência subjetiva* é representada nessa entrevista como uma consequência da *ordem hegemônica* atual e dos desafios e perigos enfrentados pelos imigrantes na busca por melhores condições de vida que promete o *Sonho Americano*.

Além disso, no romance YNEPS (2023) enxergamos a presença e ação de forças policiais na fronteira mexicana com Estados Unidos, mesmo que de duas organizações criminosas. Uma delas, plenamente identificada como o Cartel do Golfo; e, a outra, ainda que não esteja nele identificada, eu suponho que é o Cartel rival dos Z. Com efeito, o conflito pelo controle territorial entre ambos os cartéis há-se caracterizado pelo estabelecimento de redes de corrupção, a infiltração no âmbito político do crime organizado, o uso da violência e “a intimidação de autoridades locais, num contexto regional em o que se tem criado condições político-institucionais instáveis, situação que tem gerado um desequilíbrio da governabilidade no Estado de Tamaulipas”. (GONZÁLEZ, 2013, p.1, tradução minha). Na representação que faz Mora Ballesteros da transfronteira de México com Estados Unidos se destaca como as organizações criminosas exercem poder e influência na região, estabelecendo um cenário de *violência sangrenta* e insegurança³. Neste ponto, cumpre indicar que Roland Barthes, citado por Otmar Ette (2022), distinguiu duas formas essenciais de violência: a) A violência que se origina de uma coletividade autoritária impondo-se sobre o indivíduo, isto é, a violência exercida pela lei e pelo Estado, que pode ser descrita como *violência restritiva ou coercitiva*. b) A *violência direta* contra o corpo dos indivíduos, manifestada em formas como a violência carcerária ou a *violência sangrenta*, associada ao confinamento, tortura ou aniquilação do

³ Segundo Valencia Sayak (tradução nossa), “a narcomáquina no México representa a criação de um sujeito soberano e extrajudicial em nível nacional, caracterizado por sua violência e egocentrismo. Suas ações visam estabelecer e manter seu domínio por meio da destruição sistemática, enquanto gerenciam a violência extrema como principal meio para ocupar e conservar territórios. Além disso, buscam garantir a circulação e obtenção de drogas como produto, com o objetivo de conquistar um mercado que lhes proporcione lucros exponenciais. Isso lhes confere maior poder econômico e legitima sua pertinência e supremacia nas dinâmicas do mercado, do patriarcado e do capitalismo internacional. Cfr: SAYAK, V. Capitalismo gore: narcomáquina e performance de gênero”. Em: Hemispheric Institute of Performance & Politics New York University, 2023. Disponível em: <https://hemisphericinstitute.org/es/emisferica82/triana.html>. Acesso em: 10 de jun. de 2023. Percebemos na leitura do romance YNEPS (2023) que o território

corpo. Ambos os tipos de violência estão intrinsecamente relacionados e interagem entre si, formando um sistema infinito, uma corrente contínua e, talvez, ininterrupta de violência, por quanto se renova constantemente nessa circulação sem fim.

Percebemos na leitura do romance YNEPS (2023) que o território ambíguo das transfronteiras é controlado pelo mundo bandido através da *violência sangrenta*, bem como de outras formas de violência. Assim, notamos nele a presença da *injunção*: uma forma de violência imposta pelo crime organizado. A *injunção* deve ser entendida como uma das condições transfronteiriças impostas por meio de estratégias e táticas de violência. Nesse sentido, *inyungir* implica a imposição, a ordem terminante, o mandato e a condição forçada, a fim de coagir e constranger aos sujeitos (MONCADA, 2021, tradução nossa). No romance YNEPS (2023) enxergamos que a presença dos cartéis nas transfronteiras cria um ambiente perigoso e ameaçador, onde a vida dos personagens está em constante risco. A menção ao pagamento de resgates, ao canibalismo e à brutalidade que exercem os cartéis ilustra com toda clareza a extrema *violência subjetiva* que permeia essa realidade.

A cena descrita no romance YNEPS (2023), envolvendo o encontro entre o Comandante Ciro e o editor-chefe do jornal La Región, constitui igualmente uma encenação que contribui para o desenvolvimento da *estética gore* presente na narrativa. Essa *estética gore* se caracteriza pela representação gráfica e explícita da *violência extrema*, que emerge no contexto global do capitalismo, especialmente nas fronteiras geopolíticas dos estados nacionais (SAYAK, 2010). Nessa cena específica, presenciamos a tortura infligida a Julián Patiño, exsacerdote católico e comandante da facção rival de paramilitares na fronteira, considerado pelo Comandante Ciro o pior inimigo. A tortura é um ato calculado de vingança, onde uma de suas pernas é cortada e grelhada em uma churrasqueira improvisada para alimentar Dorangel Vargas, conhecido como o come-gente de Táchira, um traficante de órgãos humanos a serviço de Ciro. Além disso, Julián é castrado a pedido de Dorangel, que tem preferência gastronômica por essas partes pudendas do corpo humano. À medida que Julián tenta negociar sua vida e liberdade oferecendo informações sobre um esconderijo de dinheiro e drogas, Ciro ordena que cortem também sua língua e a grelhem para alimentar o canibal. Na encenação, o encontro entre o Comandante Ciro e o editor-chefe do jornal La Región acontece em um clima de terror, intriga e suspense, deixando o leitor em dúvida sobre as verdadeiras intenções do temível Comandante Ciro. Presenciamos ali o interesse de Ciro em falar com o editor-chefe, mencionando a comissão que confiou ao padrinho deste, um dos principais diretores do jornal La Región. E que editor-chefe, por sua vez, comissionou para o repórter Juan

Ángel Villamediana descobrir o paradeiro dos soldados desaparecidos na zona norte de Táchira. As conversas e ações dos personagens revelam o tema da corrupção e impunidade, dando a entender que a diretoria do jornal La Región age secretamente sob a influência do Comandante Ciro, e que o comissário Víctor Vega, do SAOI (Serviço Autônomo de Operações Informativas), atua como o mais fiel dos seus homens. Enfim, essa cena, com sua intensidade e representação gráfica da *violência gore*, contribui para explorar a atmosfera sombria do romance YNEPS (2023), abordando temas como corrupção, impunidade e os mecanismos de poder/saber presentes no contexto geopolítico da transfronteira de Colômbia e Venezuela.

Uma olhada pontual ao desenvolvimento da *violência simbólica* no romance YNEPS (2023)

No contexto geral do romance YNEPS (2023), a *violência simbólica* presente em outro diálogo entre o editor-chefe e o repórter Villamediana ilustra a complexidade das dinâmicas violentas que permeiam a obra. Ao expor esse tipo de *violência simbólica*, em meu entender, Mora Ballesteros busca questionar as normas e os padrões linguísticos dominantes, e apontar para a necessidade de transformação e resistência frente a essa forma extremamente sutil e, mesmo assim, eficaz de violência. Assim, o caso do jornalista Juan Ángel Villamendiana é paradigmático ao constituir-se ele mesmo em um paciente (que por sua vez vira agente) da *violência simbólica* através de seu diálogo telefônico com o editor-chefe, bem como em suas narrativas (enchidas de uma linguagem poética) plasmadas tanto nas crônicas quanto no Diário inconcluso de suas viagens. Através dessas formas de expressão, o repórter-poeta incorpora a *violência simbólica* e lida com a imposição de normas linguísticas e estéticas que são reprodutoras das estruturas de poder dominantes. Assim, no romance YNEPS (2023), os textos produzidos pelo personagem de Villamediana exemplificam como a linguagem pode ser tanto uma arma de resistência e denúncia quanto um veículo de reprodução da *violência simbólica*. Suas narrativas enchidas de reverberações, nuances e imagens poéticas e seu confronto com o editor-chefe, ilustram a complexidade das dinâmicas linguísticas e a importância de questionar as estruturas de poder e normas impostas pela linguagem mesma. Nesse sentido, convém refletir sob a potência avassaladora da linguagem na leitura de Heidegger que faz Žižek (2014), para o que a linguagem conduz as coisas à sua essência. Assim, Žižek (2014) entende a noção heideggeriana de “essência” não como um núcleo fixo que define a identidade de algo, mas como um processo dinâmico que depende do contexto histórico e do modo como o ser se manifesta na e através da linguagem. Segundo o filósofo alemão a linguagem é a “morada do ser”, o lugar onde as essências são criadas e transformadas. Nessa perspectiva, Žižek (2014) afirma que quando Heidegger fala do “Wesen der

Sprache”, ele não se refere à “essência da linguagem”, mas ao “essenciar”, ou seja, a essa atividade poética da linguagem que revela o ser em suas múltiplas possibilidades: a linguagem conduz as coisas à sua essência, a linguagem “nos move” de modo a que as coisas nos importem de certa maneira particular, e assim se traçam caminhos pelos quais podemos nos mover entre os entes, e assim os entes podem ser portadores uns com os outros das entidades que são [...]. Partilhamos uma linguagem originária quando o mundo se articula do mesmo modo para nós, quando “escutamos a linguagem”, quando “a deixamos dizer-nos o seu dizer”. (ŽIŽEK, 2014. p.53) O trecho apresentado reflete sob o papel fundamental da linguagem na nossa compreensão e interação com o mundo. Segundo a citação de Heidegger apresentada por Žižek (2014), a linguagem tem o poder de nos conduzir à essência das coisas, ou seja, ela nos permite acessar e compreender a natureza essencial dos objetos, conceitos e entidades diferentes que nos cercam. Assim, ideia de que a linguagem “nos move” sugere que ela desempenha um papel ativo na formação das nossas percepções e valores. Já que ela molda a maneira como nos relacionamos com o mundo e nos importamos com as coisas. Através da linguagem, percorremos caminhos pelos quais podemos nos mover entre os diferentes entes, ou seja, ela, a linguagem, nos permite estabelecer conexões e relações entre diferentes elementos da realidade. Além disso, o trecho aponta para a importância da existência de uma linguagem compartilhada, uma linguagem originária, que nos permite articular e compreender o mundo de maneira semelhante com outros. E a medida que todos nós escutamos a linguagem e permitimos que ela nos diga o seu dizer, estamos estabelecendo uma base comum de entendimento, facilitando as trocas e a interação entre os indivíduos. Nesse sentido, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também é nosso lar, isto é, o lugar simbólico que habitamos e pelo qual interpretamos e atribuímos significado ao mundo. Através da linguagem, somos capazes de compartilhar conhecimento, expressar pensamentos e emoções, e construir um sentido de identidade e cultura. No entanto, é importante ressaltar que a linguagem não é neutra. Ela carrega consigo valores, crenças e perspectivas que podem influenciar a maneira como vemos e interpretamos o mundo. Portanto, devemos estar atentos aos diferentes contextos e discursos que moldam nossa linguagem, pois eles podem afetar nossa compreensão e percepção da realidade. Em suma, ao compartilhar uma linguagem originária, somos capazes de articular e compreender o mundo de maneira semelhante. No entanto, devemos estar conscientes de que a linguagem não é neutra e pode influenciar para bem ou para mal nossas percepções e interpretações.

Assim sendo, nas profundezas de linguagem estão latentes as pulsões originárias que movem aos indivíduos a agir com o tipo de violência que Žižek (2014) entende como *violência simbólica*. O filósofo esloveno refere-se pontualmente

às formas de violência que se manifestam no nível individual ou subjetivo, afetando as pessoas em sua psique, identidade e relações interpessoais. Já que a própria linguagem, o meio por excelência da não violência e do reconhecimento mútuo, implica uma violência incondicional. Em outras palavras, é a própria linguagem que impele o nosso desejo para além dos limites convenientes, transformando-o num “desejo que comporta o infinito”, elevando-o a um impulso absoluto que nunca poderá ser satisfeito. Aquilo que Lacan chama de *objet petit a* é precisamente esse etéreo objeto “espectral”, o objeto excedentário que causa o desejo sob o seu aspecto excessivo e desviante. Não podemos desembaraçar-nos desse excesso, que é consubstancial ao desejo humano enquanto tal. (pp.51-52)

Como salienta Žižek (2014), os adversários que se opõem em um conflito, como no caso exemplificado do romance YNEPS (2023), têm ambos uma tendência natural a exigir cada vez mais. Assim, tanto para o editor-chefe, quanto para o jornalista demitido, como sujeitos (trans)modernos que ambos os dois são, nada é suficiente, de maneira que nunca ficam satisfeitos. Não sabem parar, não conhecem limites, por quanto o desejo exige mais, muito mais do que o necessário. “Há sempre um sentido de ilimitado no desejo”. Assim, os sujeitos buscam o poder para evitar serem dominados pelos outros. “Contudo, se não tiverem cuidado, poderão logo se ver ultrapassando o limite a partir do qual começam a efetivamente tentar dominar os outros. No entanto, a rivalidade entre os seres humanos só pode ser superada quando cada indivíduo limita os seus próprios desejos”. (ŽIŽEK, 2014, p.51)

Assim, o estilo “barroco” das crônicas de Villamediana, tão questionado por seu adversário, bem como o conteúdo dessas narrativas de “história pátria”, enchidas de “linguagem rural”, se tornam armas que desafiam a estrutura de poder e questionam as normas impostas pelo editor-chefe. Desse modo, a linguagem, nesse contexto, desempenha um papel central na transformação das relações de poder e na busca por reconhecimento e liberdade de ação, palavra e pensamento.

Considerações finais

Ao ler o romance “Ya no es posible el sur” (YNEPS, 2023), do escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros, deparei-me com um texto no qual tanto a transfronteira colombo-venezuelana quanto a de México e Estados Unidos constituem zonas liminares marcadas pela diáspora, o trânsito e a errância. Do ponto de vista sociocultural, essas transfronteiras “se revelam como uma construção cognitiva e simbólica. Ou seja, a percepção das [trans]fronteiras sob essa perspectiva abrange identidades dentro, fora e entre elas, o excluído e o incluído, o semelhante e o diferente, o

lícito e o ilícito, o próprio e o estrangeiro” (ZAMBRANO, 2022, p.81, tradução nossa). Na textualidade de YNEPS (2023) Mora Ballesteros construiu uma poética do movimento, na qual, as paisagens estão marcadas por vetorizações através de deslocamentos dos personagens. Pelo qual, categorias geográficas como região, zona, espaço, lugar, paisagem, território adquirem significados múltiplos. Nessa poética, conforme Ette referido por Romero Corzo,

As paisagens são imagens de movimento –imagens de imaginação e pensamento, de escrita e de vida, pois estão – não só de um ponto de vista geográfico ou teórico da arte – cheios de vida. Logo, não se trata apenas de uma espacialização, mas de uma espacialização com ajuda da qual os fundamentos teóricos de um desenho artístico, científico ou técnico devem ser tornados visíveis. Essa visualização, no sentido de visualização e visibilização, diz antes respeito a vetorização sob a forma de uma paisagem da teoria, na medida em que, aqui, os lugares de movimento e os espaços de movimento aparecem como coreografias altamente móveis, em cujos vetores (vivos), os movimentos historicamente acumulados entraram, tanto como os movimentos prospectivamente esperados do futuro. Graças ao seu elevado coeficiente de movimento, a paisagem é sempre projetada para o futuro. (ETTE, p.87, apud ROMERO CORZO, 2023, p.13)

Mas, ao mesmo tempo - segundo a perspectiva apresentada neste artigo - observamos que na poética do movimento configurada no romance YNEPS (2023) as paisagens se expandem além da geografia transfronteiriça colombo-venezuelana e revelam algumas das problemáticas determinadas pela estrutura social, política e econômica do *capitalismo gore*, como o crime organizado, o paramilitarismo, o contrabando de extração, o tráfico e sequestro de pessoas, extorsão, corrupção e impunidade em as transfronteiras de América Central e os Estados Unidos. Neste artigo temos percorrido esse caminho tortuoso estudando a presença em YNEPS (2023) de categorias como *violência subjetiva, objetiva, sistêmica, estrutural, econômica, simbólica*, entre outras, bem como a violência do *capitalismo gore*, baseados nas reflexões teóricas de Slavoj Žižek (2014) e Valencia Sayak (2010; 2023), entre outros autores.

Referências

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. “Hard-boiled fiction”. Disponível em: Acesso em: 24 de jun. 2023.

ETTE, O. Expulsão do Éden: migração e escrita depois do Paraíso. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: Dossiê: Literatura em movimento. nº 25. Jun. 2021. p. 05-42. Disponível em: < <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index> >. Acesso em: 17 nov. 2022.

GONZÁLEZ, D. Incidencia del conflicto entre el cartel del golfo y de los zetas en la gobernabilidad del Estado de Tamaulipas, México. Periodo 2007-2011. Estudio de Caso (Presentado como

requisito para optar por el título de Politólogo en la Facultad de Ciencia Política y Gobierno). Universidad Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario. Bogotá, 2013.

HEIDEGGER, M. Introducción a la metafísica. Barcelona: Gedisa, 2001. LETRAS. Disponível em: . Acesso em: 15 out. 2022.

MORA BALLESTEROS, Luis. Díptico de la frontera. Mérida (Venezuela): La Castalia, 2020. 204 pp. _____. La sombra del comandante. Middletown (Delaware, USA): LA CASTALIA/Ojo de cuervo, 2022. 158 pp.

_____. Ya no es posible el sur. s/l. (USA): Keyport Publishing House, 2023.

ROMERO CORZO, J. A. La frontera como fractal en la novela La sombra del comandante del escritor venezolano Luis Mora Ballesteros. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto de Letras / PPGL, 2023. 25 pp. (Texto en proceso de publicación).

SAYAK, V. Capitalismo gore. España: (s.l.) Melusina, 2010.

_____. Capitalismo gore: narcomáquina e performance de gênero”. Em: Hemispheric Institute of Performance & Politics New York University, 2023. Disponível em: . Acesso em: 10 de jun. de 2023.

SIGNIFICADOS. Significado de Gore. Em: Significados: descubra e entenda diversos temas do conhecimento humano. Disponível em: . Acesso em: 15 de jun. de 2023.

ZAMBRANO, L. "La doble inscripción del sujeto fronterizo: escenografía enunciativa intersticial en Díptico de la frontera (2020), de Luis Mora Ballesteros". Em: Literatura venezolana en perspectiva: voces contemporáneas. CAPAVERDE, T.; MIOLI, J. (orgs.). Rio de Janeiro: Edições Macunaima, 2022. pp.65-92. Disponível em: Acesso em: 4 de julho 2023.

ŽIŽEK, Slavoj. Violência: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.